



Evento: Mostra de Projetos Integradores da Graduação Mais

TIRE O RACISMO DO SEU VOCABULÁRIO¹

TAKE OUT RACISM OF YOUR VOCABULARY

Carolina Welter², Maisa Guth³, Monique Roloff⁴, Rosita da Silva Santos⁵

¹ Projeto desenvolvido na disciplina de Projeto Integrador do Curso de Letras do primeiro semestre da Graduação Mais.

² Bolsista PIBID/CAPES; estudante do Curso de Letras – Português/Inglês.

³ Estudante do Curso de Letras – Português/Inglês.

⁴ Estudante do Curso de Letras – Português/Inglês.

⁵ Professora Doutora em Educação nas Ciências; orientadora do projeto.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho do negro no engenho era, além de perigoso, extremamente maçante, quando comparado ao da roça. (SCHWARTZ; STARLING, 2015). Além disso, de acordo com os autores, a migração para o uso do escravo africano, através do tráfico, fornecia um abastecimento internacional de mão-de-obra em grande escala, o que acabou fazendo dos africanos escravizados as principais vítimas. Dentro desse contexto histórico, por meio do tráfico negreiro e, ao longo de mais de 300 anos, cerca de 4,8 milhões de africanos foram desembarcados no nosso país.

Para a manutenção de tal sistema de dominação e exploração dos povos negros africanos, fez-se necessária uma mentalidade racista que justificasse a condição do negro como subalterno ao branco dentro da sociedade brasileira. Essa mentalidade se manifesta e se perpetua até hoje de diferentes formas, sendo uma delas a linguagem, a qual tomamos como objeto de estudo neste projeto.

Assim, é urgente desfazer e refazer mentalidades e promover uma nova lógica social, através de uma abordagem mais ampla, objetiva e prática, tendo como pilares o conhecimento, acolhimento e práticas transformadoras sobre as questões raciais no Brasil. Urge questionar que palavras e expressões hoje são utilizadas de forma pejorativa à população negra, mesmo após décadas de buscas por mudanças de paradigmas e combate ao racismo e por que estas palavras ainda fazem parte do nosso léxico mental.

Sendo assim, o presente estudo visa contribuir para a reparação da dívida histórica do Brasil com a população negra, a qual foi, desde o século XVIII, escravizada, suprimida de direitos fundamentais como igualdade, educação, liberdade de expressão e circulação. Além disso, desejamos contribuir para reverter a ideia de inferioridade cultural do povo negro e sua predestinação para condições subalternas.

1.1 Objetivo Geral

Promover uma conscientização acerca do racismo linguístico e seus efeitos na linguagem, desconstruindo expressões de conotação racista que estão incorporadas na fala da população.



1.2 Objetivos Específicos

- 1.2.1 Diferenciar os termos racismo, preconceito e discriminação.
- 1.2.2 Elencar os diferentes tipos de racismo arraigados na sociedade brasileira.
- 1.2.3 Dar o significado, sob o ponto de vista etimológico, de expressões racistas utilizadas cotidianamente.
- 1.2.4 Contribuir para reverter a ideia de inferioridade cultural do povo negro e sua predestinação para condições subalternas

1.3 Justificativa

O racismo é pervasivo na sociedade brasileira, moldando sua estrutura, apropriando-se de suas instituições e manifestando-se na sua linguagem. Ao falarmos sobre racismo no Brasil, é de relevada importância reconstruirmos a trajetória do povo negro brasileiro, fazendo um recorte histórico, de forma a resgatar o processo de escravidão instituído no país.

Desde suas origens mais remotas, concebidas nas mais diferentes culturas e nações, a linguagem representou um salto evolutivo da humanidade. No momento em que propiciou a troca de informações entre seres humanos e, posteriormente, a base para a criação de conceitos, teorias e aprendizados, contribuiu para a própria evolução humana. Contudo, com o decorrer da história, a linguagem, tendo como base o mundo “brancocêntrico”, foi determinante para a formação do sujeito moderno. De acordo com Nascimento (2019), o substantivo *negre* (negro para nós) passou a ser utilizado de maneira intensificada nos últimos três séculos, momento em que a escravidão negreira se concentrou a partir das consequências da expansão marítima. Ao transformar o africano em escravo, definindo o negro como raça, demarcando seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, a sociedade se configura como escravista e se configura um paralelo de cor negra à posição social inferior (SOUZA, 1983).

Dessa forma, o projeto integrador intitulado “Tire o racismo do seu vocabulário” tem por objetivo promover uma conscientização acerca do racismo linguístico e seus efeitos na linguagem, desconstruindo expressões de conotação racista que estão incorporadas na fala da população. Para este estudo, inicialmente buscamos estabelecer uma diferença entre preconceito, racismo e discriminação. Em seguida, partimos de uma definição mais genérica acerca do termo Racismo, para, posteriormente, conceituarmos o termo dentro de três subdivisões: Racismo Estrutural, Racismo Individual e Racismo Institucional. Por fim, identificamos a etimologia de termos e expressões linguísticas utilizadas de forma pejorativa à população negra, desmistificando o imaginário de democracia racial, de forma a construir uma compreensão do processo de incorporação e manutenção de expressões racistas no léxico da língua portuguesa.

A partir deste trabalho, almejamos um maior respeito ao negro e sua cultura, buscando minimizar os efeitos do Racismo na sociedade e, sobretudo o racismo linguístico, resultado do papel do negro enquanto povo subalterno e qualificado como raça inferior em uma sociedade branquiocêntrica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Embora a escravidão seja uma instituição tão antiga quanto a humanidade, jamais o tráfico de escravos foi algo tão organizado, permanente e vultoso como no início do século



XVI, depois que os portugueses estabeleceram a rota que uniu Europa, África e América, transformando milhares de negros em moeda de troca (TAVARES, s/d).

Ao transformar o africano em escravo, definindo o negro como raça, demarcando seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, a sociedade se configura como escravista e se configura um paralelo de cor negra à posição social inferior, dando origem aos termos racismo, preconceito e discriminação (SOUZA, 1983).

2.1 Racismo, preconceito e discriminação

O racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em crenças construídas a partir de diferenças biológicas entre os povos. O termo Preconceito pode ser definido como o ato de julgar algo ou alguém antes de conhecer o objeto por completo. Podemos aplicar o vocábulo preconceito às mais diversas situações cotidianas, como o preconceito formulado sobre um certo indivíduo, que antes mesmo de o conhecermos o julgamos. Segundo Almeida (2018), o preconceito pode ser definido como o conjunto de crenças e valores aprendidos e que podem levar o indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de um determinado grupo antes de uma efetiva experiência acerca deles.

A discriminação tem origem no preconceito e é compreendida como toda e qualquer atitude que exclui, separa e inferioriza pessoas, tendo como base ideias preconceituosas. Discriminação é a supervalorização de determinadas culturas, dando ao dominador a ideia de que é melhor e desenvolve no discriminado o sentimento de menos valia. Permite que a sociedade seja considerada sob duas óticas: a do discriminador, que manda e se considera o mais capaz, o mais culto, etc, e a do discriminado, que é subjugado pelas ideias, atitudes e interesses do discriminador (ALMEIDA, 2018).

2.2 Tipos de racismo

Para Almeida (2018), racismo é uma forma sistemática de discriminação, que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas, conscientes ou inconscientes, que acabam por culminar em desvantagens ou privilégios para indivíduos, o que vai depender do grupo racial ao qual pertençam. O Racismo Estrutural é o racismo enraizado na sociedade, criando abismos e desigualdades sociais, econômicas, educacionais e políticas. O racismo estrutural também pode ser compreendido como um sistema de opressão, que, historicamente, negou direitos como a liberdade de circulação, de expressão, ao trabalho remunerado e à educação (RIBEIRO, 2019). Já o Racismo Individual conceitua-se como uma espécie de deficiência patológica, decorrente do preconceito pré-existente (RIBEIRO, 2019).

Para Almeida (2018, p. 30), “seria um fenômeno ético ou psicológico, de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados, ou ainda uma “irracionalidade”. Esse conceito não abrangeria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agiriam isoladamente ou em um grupo. Quanto ao Racismo Institucional, pode ser conceituado como o racismo decorrente do funcionamento das instituições, que direta ou indiretamente podem conferir privilégios ou desvantagens a determinada raça (ALMEIDA, 2018).

Podemos inferir que a concepção institucional do racismo se utiliza do poder como instrumento de dominação. O racismo institucional se dá com parâmetros discriminatórios na raça, mantendo a hegemonia de determinado grupo racial no poder.



2.3 Racismo e linguagem

Para entender a interação entre o racismo e a linguagem, recorremos à obra *Racismo Linguístico - os subterrâneos da linguagem e do racismo*, de Gabriel Nascimento (2019), na qual o autor traz à luz as relações entre racismo, colonialismo e os processos linguísticos, simbólicos e discursivos, debatendo “(...) de maneira geral como tanto o conceito como as políticas linguísticas vão definindo a estrutura do racismo linguístico no país” (NASCIMENTO, 2019, p. 56).

O autor lança conceitos como racialidade, racialização, colonialidade, e, como tema central, o racismo linguístico *per se*. Destaca-se a compreensão de que “racialização é um processo de construir o sentido da raça e se instaura através da linguagem para tal” (NASCIMENTO, 2019, p. 35). Tais conceitos e as teorias referentes a eles foram utilizados para examinar palavras e expressões do nosso léxico cotidiano e determinar se elas se enquadram no escopo do projeto, ou seja, se sua origem é racista e se reproduzem o racismo no imaginário social, fazendo parte de uma estrutura linguística racista e, portanto, consideradas não somente dispensáveis em nosso vocabulário como também de uso reprovável em uma sociedade que se pretende construir mais justa.

3. METODOLOGIA

Como método de trabalho, foram realizados a) estudos teóricos por meio de buscas de artigos em periódicos e livros que tratem sobre o racismo linguístico; b) discussões acerca do tema com o mentor, o qual desenvolve um projeto de pesquisa na área, contemplando as diferentes formas de racismo; c) elaboração de projeto de pesquisa, a partir das indicações feitas pelo mentor; d) participação em oficinas temáticas: busca por periódicos e elaboração de *podcasts*; e) identificação de termos/expressões linguísticas utilizadas de forma pejorativa à população negra; f) elaboração de roteiro para o desenvolvimento de *podcasts*; g) gravação de programas curtos de rádio, com a produção e veiculação de *podcasts*, os quais estão sendo divulgados junto à Rádio UNIJUÍ FM e ao Projeto de Extensão Traças Digitais.

O desafio de produzir *podcasts* acerca do tema foi uma demanda despertada na Universidade pela comunidade, a qual identificou "a necessidade de desfazer e refazer mentalidades e promover uma nova lógica social, através de uma abordagem mais ampla, objetiva e prática, tendo como pilares o conhecimento, acolhimento e práticas transformadoras sobre as questões raciais no Brasil", conforme o texto no desafio proposto na Plataforma Sou Mais. Dessa forma, pretendemos contribuir para a construção de uma identidade positiva e afirmativa da dignidade das populações negras no Brasil.

4. RESULTADOS

A partir dos estudos teóricos, o grupo elencou várias expressões de conotação racista, pesquisando sua origem e significado etimológico. Destacamos 16 expressões, as quais são amplamente utilizadas cotidianamente na linguagem de maneira racista e preconceituosa. A partir das análises etimológicas, produzimos 16 (dezesseis) *podcasts*, os quais estão sendo veiculados na Rádio UNIJUÍ FM e no Canal do You Tube do Projeto Traças Digitais. Algumas das expressões racistas selecionadas para o projeto são: “Não sou tuas negas”; “Disputar a nega”; “Cor da pele”, “Serviço de Preto”; “Cabelo Ruim”; “Meia Tigela”; “A dar com pau”;



“Preto de Alma Branca”; “Banzo”; “Cor do pecado”; “Boçal”, “Denegrir”; “Mulata”; “Moreno”, “Nega Maluca”; “Pé na cozinha”.

Embora não tenhamos como dimensionar a quantidade de ouvintes da Rádio UNIJIÚ FM, ela alcança, pela frequência modulada, cerca de 24 (vinte e quatro) municípios, totalizando uma população de aproximadamente 380 mil habitantes. Com relação aos *podcasts* veiculados no Canal do You Tube do Traças Digitais, atualmente há mais de 300 inscritos no referido canal, o que demonstra um excelente resultado no tocante ao alcance do projeto. No futuro, a ideia é a de veicularmos também na Rádio da OAB e em plataformas de streaming (*audiomax*, *audioboom*, *soudcloud*, *mixcloud*), bem como divulgar links junto às mídias sociais, buscando a expressão exata de audições de cada *podcast*.

Enfim, como resultado final, entendemos, a partir deste estudo, de como o próprio preconceito linguístico pode ser visto como uma manifestação do preconceito racial, tendo em vista que há variedades do português brasileiro que sofrem estigmatização, mas que continuam sendo utilizadas por diferentes grupos sociais ou têm heranças culturais, históricas e linguísticas de tais grupos. Faz-se importante, portanto, o estudo das produções da Sociolinguística neste campo, para que o projeto tenha uma visão ampla acerca dos fenômenos linguísticos e sociais necessários para embasamento sólido dos conteúdos dos *podcasts* que foram gravados.

5. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Sílvio. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento Editora, 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo.** Letramento Editora e Livraria, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 2019. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-pequeno-manual-antirracista-djamila-ribeiro-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>

SCHWARCZ, Lila Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: Uma biografia.** São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravidão Indígena e o início da Escravidão Africana.** In: SCHWARCZ, Lila Moritz e Gomes, Flávio. (org). **Dicionário da Escravidão e Liberdade.** São Paulo: Cia das Letras, 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro, RJ. 2 ed. Edições Grall, 1983.

TAVARES, Cristina. **O desenvolvimento do tráfico negreiro (séc XVI a XVIII).** Curitiba, UFPR. S/d. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=o+desenvolvimneto+do+tr%C3%A1fico+negreiro+tavares&btnG